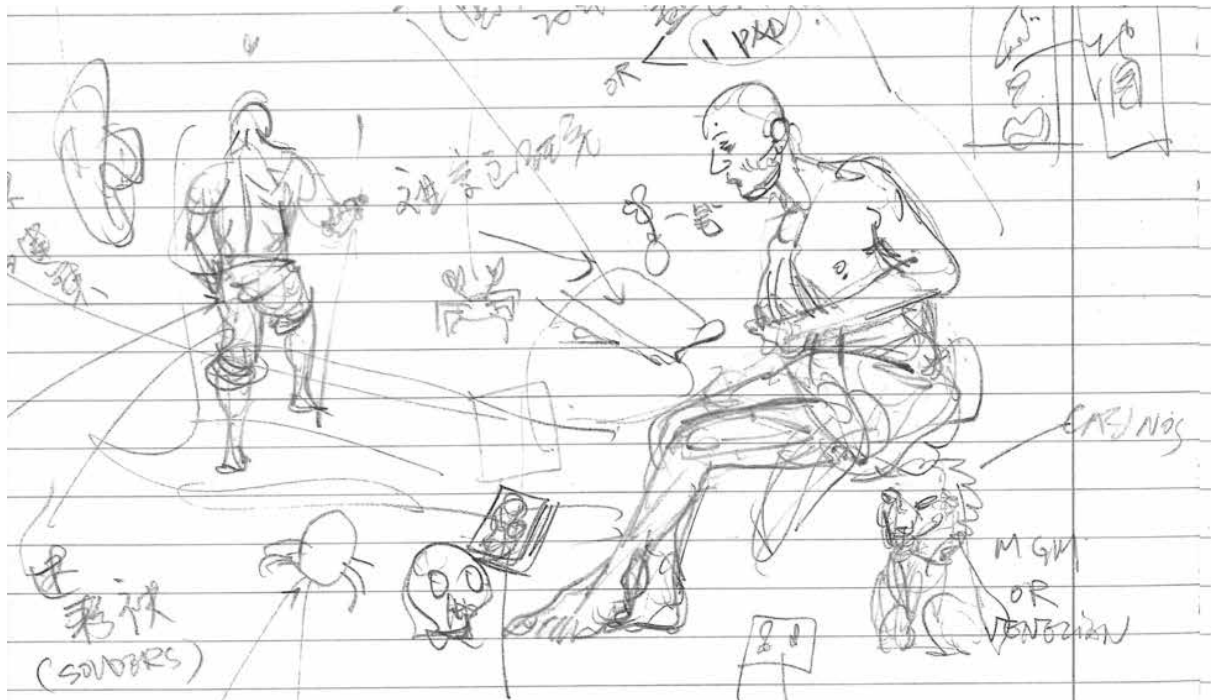


Conversa entre o curador e os artistas

João Miguel Barros, Ung Vai Meng e Chan Hin lo



João Miguel Barros (JMB): O que motivou o início deste projecto?

Ung Vai Meng (UVM): O amor à arte e a Macau. Chan Hin lo (CHI): O nosso desejo de expressar o profundo sentimento que temos por esta cidade, Macau.

JMB: Os trabalhos expostos mostram a ausência. Ou seja, mostram o que se perdeu ao longo destes últimos 20 anos. Será o empobrecimento do património e da memória o destino normal em sociedades em acelerada transformação económica, como em Macau?

UVM: Existe uma grande tendência para a globalização. Por isso, a perda da memória colectiva e o desmemoramento são inevitáveis. Macau é apenas um dos exemplos evidentes.

CHI: Hoje em dia vivemos numa fase de um célere desenvolvimento económico. Muitas coisas estão a desaparecer, silenciosamente, ou a tornar-se

apenas numa memória colectiva. Isto é uma realidade inevitável. Tanto a fotografia como a produção artística são formas modernas e construtivas de registo. Como artistas, esperamos, através da nossa acção, assumir a nossa responsabilidade perante a sociedade.

JMB: Trabalham os dois como se fossem apenas um, integrando o colectivo "YiiMa". Mas a verdade é que as vossas vivências artísticas individuais são muito diferentes. Como é que se organizam para criar as vossas obras?

UVM: Durante o processo da nossa produção artística, debatemos diferentes temas criativos e questões ambientais. No que me diz respeito, foco-me mais nas ideias e na expressão conceptual. O Chan Hin lo concentra-se na execução e no resultado final da obra. A nossa parceria assenta na confiança mútua, no apoio mútuo e até mesmo na discussão. É normal, e é salutar, termos diferentes opiniões sobre a mesma questão.

CHI: Seguimos todos os dias as notícias, através das quais tentamos procurar inspiração para a nossa criação artística.

Normalmente, o Ung Vai Meng, primeiro, define o enquadramento da criação artística e realiza um esboço, e eu, por meu turno, faço uma reflexão a nível fotográfico, e, a seguir, passamos para a fase da criação fotográfica propriamente dita. Perante as limitações das condições reais, por vezes, apesar de nos termos dedicado muito aos trabalhos preparatórios, o resultado nem sempre é satisfatório, o que nos obriga a proceder imediatamente a ajustes. Apesar de tudo e dos possíveis imprevistos, essa é a parte mais atractiva da criação artística. Na realidade, se não mantivermos uma atitude de persistência, ou até de teimosia, dificilmente conseguimos levar a bom termo as nossas obras.

JMB: Os vossos *backgrounds* culturais e vivenciais são também diferentes, bem como as vossas origens familiares. Essa complementaridade é uma das riquezas da vossa parceria?

UVM: Sim, é precisamente por termos diferentes vivências que conseguimos transpor para a prática a nossa extraordinária complementaridade.

Ao mesmo tempo, acreditamos que na produção artística é importante ter uma atitude genuína e uma visão humanística.

CHI: O Ung Vai Meng costuma ver as coisas segundo uma macroperspectiva e é uma pessoa com um grande sentido de humor. Eu sou um fotógrafo sensível

ao tacto e conheço bem os assuntos triviais. Portanto, a nossa parceria assenta numa forte complementaridade. Para além disso, ambos temos boas qualidades físicas e psicológicas, o que, acredito, são também qualidades importantes na nossa parceria.

JMB: O vosso trabalho é feito com a consciência da necessidade de intervenção "cívica", no sentido de não permitirem o esquecimento, ou é, antes, uma manifestação de dois artistas que encontram, nos exemplos do passado e do presente, a inspiração para o seu trabalho?

UVM: Nós sempre demos muita atenção às mudanças sociais e consideramos que a razão pela qual se faz a retrospeção do passado é, justamente, para reflectir sobre o presente e o futuro.

CHI: Talvez sim, porque a realidade com que nos deparamos hoje é fruto do dito "passado".

JMB: No vosso trabalho há, apesar de tudo, uma reinvenção da realidade e não apenas o registo da realidade. O que predomina no projecto: a intervenção artística ou a análise documental e histórica das transformações sociais de Macau?

UVM: Acho que os dois estão incorporados. É difícil distingui-los.

CHI: Acho que talvez a intervenção artística seja predominante.

JMB: O vosso trabalho assenta no movimento. A fotografia é o resultado de uma performance. O vídeo é o registo dessa "acção". Podem explicar a metodologia que utilizam?

UVM: No local da "acção", normalmente, só estamos os dois. A razão para que tal aconteça é que, durante o processo de criação artística, é preciso ser-se metuculoso no tratamento de todos os pormenores. É também necessário que nos advirtamos um ao outro e nos motivemos mutuamente, pois só assim é que se consegue atingir o melhor resultado. Por outro lado, como "captadores" do espaço, pretendemos preservar ao máximo o estado original do ambiente, mesmo que seja um ambiente em más condições de conservação. Queremos sempre tratá-lo com respeito pelo que nos entregamos ao máximo ao trabalho, não deixando nada ao acaso.

CHI: O que fazemos no local é efémero, desvanece-se logo. Por isso, até ao

momento, continuamos a acreditar que o vídeo e a fotografia são registos e são formas mais adequadas de expressar o nosso pensamento.

JMB: A cultura chinesa é muito simbólica. O vosso trabalho tem também uma carga de forte simbologia, inspirada na cultura chinesa tradicional. Mas, curiosamente, assenta também na simbologia e cultura ocidentais. E, também, na religião. Essa ligação é intencional? O que procuram ao misturar elementos orientais e ocidentais nos vossos projectos?

UVM: Macau é um local onde as culturas chinesa e ocidental se fundem, sendo evidente a existência de uma diversidade cultural. Temos como objectivo atingir uma linguagem artística mais ampla e legítima para expressar o nosso pensamento.

Por isso, durante este processo, recorreremos à simbologia, a qual desempenha um papel muito importante na nossa criação artística.

CHI: Desde o século XVI que em Macau, uma das primeiras cidades do Extremo Oriente onde também habitavam europeus, existia uma fusão clara entre as culturas chinesa e ocidental. Isso perdurou ao longo dos tempos. Nos dias de hoje continua a haver marcas dessa fusão na política, economia, cultura, vida dos residentes, etc... Por isso, a nossa inspiração vem do resultado desse *background* vivencial.

JMB: E agora, o que se segue? Como vai evoluir o vosso projecto artístico?

UVM: Em termos de futuro, iremos continuar a pensar em diferentes perspectivas e a usar métodos mais diversificados e, através da intervenção corporal, iremos expressar as características desta época que aparenta estar em desordem.

CHI: Acho que o nosso projecto artístico vai expandir-se para outros locais fora de Macau...